



Evento	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Interpretação literal do argumento do bem supremo em Aristóteles: uma saída para a falácia do menino e da menina
Autor	ALINE DA SILVEIRA
Orientador	PRISCILLA TESCH SPINELLI

Uma das questões mais discutidas entre os comentadores de Aristóteles gira em torno do que o Filósofo pretendia fazer ao iniciar sua *Ética Nicomaqueia* com a introdução da ideia de bem supremo. O capítulo 2 do primeiro livro parece iniciar com uma falácia. Segue abaixo a passagem aqui considerada:

“Suponha, então, que [A] as coisas alcançáveis pela ação têm algum fim que desejamos por ele mesmo, e em vista do qual nós desejamos as outras coisas; e que [B] nós não escolhemos tudo por causa de alguma outra coisa – porque se assim fizéssemos, isso continuaria sem limite, e então esse desejo provaria ser vazio e fútil; claramente, [C] esse fim será o melhor bem.” (EN I, 2, 1094a18-22)

A falácia apontada pelos estudiosos de Aristóteles consistiria em dizer que [B] serve para provar [A]: se [B], isto é, nós não escolhemos tudo por causa de alguma outra coisa, então Aristóteles concluiria que [A], as coisas alcançáveis pela ação têm algum (um único) fim que desejamos por ele mesmo e pelo qual nós desejamos as outras coisas. Isso tudo levaria a [C], que afirma que um determinado bem é o melhor de todos. A falácia estaria em tomarmos [B] como necessariamente implicando [A], do qual conseqüentemente se afirma [C]. Geach afirma que do mesmo modo que de todo menino ama uma menina não se pode necessariamente concluir que todo menino ama uma mesma e única menina, o pai da Lógica aqui errara ao concluir que há um único (e melhor) fim que desejamos por ele mesmo porque nós não desejamos tudo com vistas as outras coisas.

Apoiando-me nos argumentos de Peter Vranas em seu artigo “Aristotle on the Best Good: Is Nichomachean Ethics 1094a18-22 Fallacious?”, pretendo demonstrar que tal falácia não existirá se for feita uma leitura literal da sentença citada acima. Para isso, serão brevemente apresentadas as versões hipotética e não-hipotética da interpretação literal da passagem, com seus prós e contras, a fim de contrapô-las a uma versão intermediária, evidenciando por que essa última parece ser uma nova interpretação possível e adequada ao que Aristóteles pretendia. Grosso modo, pode-se definir a versão hipotética como aquela em que o Filósofo inicia o argumento como se [A] fosse uma hipótese que precisará ser posteriormente provada, enquanto que, na interpretação não-hipotética, defende-se que Aristóteles já tinha seu objetivo definido, isto é, toma como dada a existência de um único bem supremo. Como as interpretações hipotética e não-hipotética dominam as discussões entre os comentadores, pretendo evidenciar que uma versão intermediária como a de Vranas também é possível e merece lugar de destaque.

Da versão intermediária, também será demonstrada a dedução de um teorema criado por Vranas, que mostra que [A] e [B] tomados junto e respectivamente como fim universal e fim não-instrumental há de se concluir [C], isto é, um único melhor bem.